

Por uma epistemologia sul-americana e afrocentrada da psicanálise brasileira

Mônica do Amaral,¹ São Paulo

Resumo: Neste artigo, proponho-me a retomar a ideia de primado do outro, sustentada por Laplanche, ao longo de sua obra, ressaltando a dimensão sexual e traumática fundante e constitutiva do sujeito, tensionando-a com base na dimensão demoníaca do “estrangeiro que nos habita”, apontada por Paim Filho (2021). Esta, associada invariavelmente no Ocidente ao sujeito negro, a qual justifica a “cruel agressividade” voltada contra este, é convertida em elemento histórico traumático do povo negro. O autor, ao acrescentar um quarto elemento, em sua dimensão tanática, à trama edípica do sujeito negro – o racismo –, abre um caminho para se repensar o próprio Édipo brasileiro, como sustenta Segato (2006), dada a prática de “maternidade transferida” desde os tempos coloniais. Concluo, abrindo espaço para uma reflexão metapsicológica no campo psicanalítico que pode caminhar em direção a uma psicanálise voltada a uma epistemologia sul-americana e afrobrasileira.

Palavras-chave: o primado do outro, o sexual traumático, o demoníaco e o sujeito negro, o racismo e o demoníaco, o Édipo brasileiro e a maternidade transferida

Introdução

Início este debate recorrendo a um artigo de minha autoria que tem o título de “O primado do outro no campo da psicanálise: um diálogo com Laplanche” (Amaral, 2013, pp. 27-40), cujas ideias pretendo articular com as que tenho desenvolvido juntamente com minha equipe de pesquisa no campo da educação e que foram apresentadas em alguns artigos, entre os quais selecionei o ensaio “Por uma epistemologia sul-americana com base nas culturas afrobrasileiras: um debate sobre o ensino culturalmente relevante nas escolas públicas de Ensino Fundamental”, escrito em coautoria

1 Membro efetivo e professora assistente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

com um de meus orientandos de doutorado (Amaral & Siqueira Jr., 2020, pp. 73-102).

Na verdade, recorro a esse último pois o convite do *Jornal* para escrever este artigo se deu inspirado nele, chamando a atenção da equipe editorial o debate em torno da epistemologia do sul e das culturas afro-brasileiras para repensar a educação pública no Brasil. O convite foi no sentido de fazer um exercício nessa mesma linha do ponto de vista epistemológico no campo da psicanálise.

Considerarei esse convite uma oportunidade para propor aos colegas do campo psicanalítico um caminho possível para pensarmos acerca de uma ideia *princeps* defendida por Laplanche, particularmente nas *Problemáticas* – de I a V² –, nas quais buscou rever os fundamentos da psicanálise freudiana com ênfase justamente na alteridade, *no primado do outro*, como constitutivo da sexualidade inconsciente. Penso que esse percurso epistemológico abre espaço para se pensar a dimensão histórica e cultural que nos constitui como sujeitos, ao mesmo tempo em que “nos remete à *história negada de nossas ancestralidades, africana e indígena* – fundamental para se repensar as bases de uma psicanálise brasileira” (Amaral, 2013, p. 39).

A essas ideias, um novo desafio se impõe – provocar uma nova revolução copernicana no campo da psicanálise –, uma vez que o próprio Laplanche (1992a) reconheceu seu projeto como inacabado – ao procurar tensioná-la do ponto de vista da “epistemologia do sul”, tal como propõe Boaventura S. Santos (2007; 2010). Segundo este autor, há que se reinventar o projeto de modernidade e de emancipação social com base em uma “ecologia de saberes” e de “conceitos não hegemônicos”, que o autor define como constitutivos dos fundamentos das epistemologias do sul, contrapondo-os às “monoculturas do saber eurocentrado”, vistas como distantes da realidade dos países ao sul do equador.

De algum modo, com isso é possível retomar uma preocupação levantada por nosso caro psicanalista Fabio Herrmann (1991; 2001) de que

2 Laplanche lançou, ainda, anos depois, o livro *O primado do outro em psicanálise* (1992a/1997), que foi publicado inicialmente sob o título de *A revolução copernicana inacabada* (1992a), sobre os quais me debrucei no referido artigo publicado na *Revista Brasileira de Psicanálise* (Amaral, 2013).

deveríamos construir uma psicanálise na medida do objeto,³ tendo a psicanálise freudiana como horizonte, mas sem perder de vista a necessária construção de um olhar brasileiro para a psicanálise. Ou ainda, como sugere o psicanalista gaúcho Ignácio Paim Filho (2021), segundo o qual a abordagem do racismo no Brasil é fundamental para se repensar a função do analista, criando as bases de uma psicanálise implicada. Implicada com nossa história, que se funda na barbárie da escravidão, da diáspora negra do Atlântico e no mito da democracia racial. Este, responsável, por sua vez, pelo “racismo à brasileira”, como bem apontou Kabengelê Munanga (2009), na mesma linha de argumentação de Lélia Gonzalez (1984, pp. 223-244), que sustenta ter o mito da democracia racial servido para neutralizar a discriminação e o preconceito, escondendo a ideologia do branqueamento.

Debrucemo-nos sobre algumas dessas ideias.

O primado do outro

Quero aqui retomar a ideia apresentada no capítulo que abre a coletânea, “A revolução copernicana inacabada”, no qual Laplanche recorre à ideia da revolução que as teses de Copérnico teriam provocado no sistema ptolomaico, sugerindo que o mais importante dessa reviravolta teria sido a descoberta de que o Homem não era mais o centro do universo, nem sequer como sujeito do conhecimento, deixando de ser “o sistema central daquilo que ele conhece” (1992a/1997, p. VIII).

O que parece que o Ocidente não aprendeu, nele incluindo os países do hemisfério norte e os do sul que seguem os ditames eurocêtricos, é que esses conhecimentos que nos foram transmitidos, apresentando-nos, por exemplo, uma versão da história mundial, com pretensões universalizantes, mas que tende a eliminar a África mãe e os povos originários das Américas, não são, tampouco, o centro do universo.

Laplanche (1992a/1997) também ressalta a concepção do inconsciente freudiano como “corpo estrangeiro interno”, ou melhor, “colocado em mim como estrangeiro”, o que abre caminho para sua “tese da sedução generalizada”. Em outro artigo publicado em coautoria com Leclair (Laplanche

3 A análise e o convívio com Fabio Herrmann, bem como o contato com sua obra (1991; 2001) levaram-me a experienciar de modo aprofundado a ideia sustentada por Laplanche na clínica, em sua inseparabilidade da teoria – de que o campo transferencial é o locus em que o método psicanalítico deve atuar de maneira a reabrir o enigma do paciente e do próprio analista, e assim propiciar que surja a “teoria na medida do paciente”.

& Leclaire, 1966), acrescenta não ser possível conceber um inconsciente primordial que não seja oriundo do recaiado. Ou mais especificamente do sexual, que, segundo eles, é determinante para se pensar o sujeito do inconsciente e prioritário em relação a outras necessidades, como de alimentação, de proteção etc. “De onde se depreende o *primado do sexual*, que abre para a *questão do outro*, em seu estranhamento (em contraposição ao familiar)” (Amaral, 2013, p. 31).

Retomo mais um trecho de meu artigo de 2013 (p. 32), onde ressalto que a ideia de fantasia retroativa nada tem a ver com lembrança do passado individual, mas com reminiscências cuja característica é vir à tona de modo descontextualizado, o que lhes confere um ar de relativa estranheza: “algo que retorna vindo de algures, uma pseudolembrança vinda... do outro” (Laplanche, 1992a/1997, p. xxii).

Nesse sentido, esclarece que o essencial da revolução copernicana a que Freud dá ensejo implica o descentramento da consciência, em uma dupla dimensão: o “outro-coisa” (representação objeto), que só passa a fazer parte do inconsciente, em sua alteridade radical, e o “outro-pessoa”, por intermédio do qual a sexualidade inconsciente se constitui pela via da sedução.

Em seguida, faz a pergunta: o que impede a teoria da sedução de sustentar sua afirmação do primado do estranhamento externo? Especialmente se pensarmos que essa outra pessoa ocupa o lugar primeiro (fundante) na constituição do eu; uma prioridade, segundo Laplanche, que não é postulada apenas na teoria, mas experimentada na transferência.

Algumas questões importantes que me surgiram desde que fiz um estudo (Amaral, 1995, pp. 63-84) detido das tendências mais ou menos biologizantes presentes nas sucessivas edições dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1962) foram que: se concebêssemos a sexualidade do ponto de vista endógeno e biologizante, quais seriam as consequências para se pensar a simbolização própria às formações do inconsciente? E, ainda, tendo em vista que essa concepção deixa de lado toda relação fantasmática e originária sustentada pela relação de alteridade, como se daria a simbolização constitutiva das manifestações primordiais do sujeito psíquico, ou seja, o autoerotismo e o narcisismo, fundamentais para as primeiras representações de si?

O estranhamento desse outro estrangeiro e demoníaco

Segundo Laplanche, o primado do outro, em seu inquietante estranhamento, remete à linguagem sexual do adulto, que provoca uma verdadeira intromissão traumática no *infans*, constituindo um “corpo estrangeiro interno”, enquanto “reminiscência”, de um outro de si, ou seja, um “inconsciente como estrangeiro em mim, e até mesmo colocado em mim como estrangeiro” (1992a/1997, p. xvi). Uma concepção que abre caminho para a discussão num artigo posterior sobre sua tese da sedução generalizada, deixando clara a dimensão sexual e traumática dessa intromissão sexual.

Já para Ignácio Paim Filho (2021), a teoria freudiana abre um caminho para se pensar o racismo, apenas e tão somente se esse estrangeiro em mim for concebido como *o demoníaco estrangeiro que nos habita*.⁴ Uma dimensão demoníaca que acrescenta ao traumático (sexual), mencionado por Laplanche, que nos constitui enquanto sujeitos do inconsciente, uma “cruel agressividade” implícita exclusivamente na história do negro no Brasil e, como vimos, entre horrorizados e estarecidos, recentemente a propósito da dizimação dos povos ianomâmis, que também faz parte da história de nossos povos originários. Uma situação que não passou, está longe de findar ou ser ultrapassada.

Logo no início de sua obra, Paim Filho, como se tivesse de justificar o assunto que pretende abordar no livro a propósito desse nosso Brasil profundo, que por muito tempo se enganou, ou quis se enganar sob o manto do mito da democracia racial, menciona um trecho do livro de Fanon, *Pele negra, máscaras brancas* (2008), em que este sugere que “certas coisas sejam ditas” por mais indigestas que pareçam.

Mas, ao mesmo tempo em que menciona o inquietante e a pulsão de morte, Paim Filho ressignifica esses termos do ponto de vista do racismo. Ao se referir ao demoníaco estrangeiro que nos habita associado ao racismo, nos faz o seguinte questionamento: “Que tipo de racista somos? E o que pretendemos fazer com isso?” (Paim Filho, 2021, p. 11).

Paim Filho tem também a coragem de se posicionar e se questionar quanto a seu lugar de fala: *Negro, assimilado pelo mundo conceitual branco*, o negro único em ascensão social... e o necessário trabalho de *tornar-se negro*, como parte do reconhecimento de si como negro... referindo-se à

4 Salienta, no entanto, que o demoníaco, atribuído por Freud a todo ser humano, acabou sendo associado exclusivamente ao negro, fruto de pura projeção/identificação pelo reverso.

obra de Neusa Santos Souza (1982). Posiciona-se como alguém que, dada a sua vivência “de estar à margem e ao mesmo tempo dentro de um mundo que lhe pertence e não lhe pertence”, se permite sentir que tanto a pele negra, quanto as máscaras brancas estão em “regime de demolição” (Paim Filho, 2021, p. 12).

Outras questões fundamentais são levantadas pelo autor:

Seria o racismo à brasileira um grande exemplo da letalidade silenciosa da pulsão de morte? Nós negros teríamos por nossa história de luta e resistência uma peculiar aptidão para domar a força da pulsão de destruição e pô-la a trabalhar a serviço de Eros? (Paim Filho, 2021, p. 12).

E, desse modo, contribuir, eu diria, para a construção de novos marcos civilizatórios, que fossem orientados, como aponta o filósofo Mbembe (2014), pelo devir negro e por um novo sentido de humanidade, pela solidariedade e pela abertura ao outro não idêntico, à alteridade, o que exigiria, por sua vez, uma formação emancipatória, antirracista e libertária... do próprio analista brasileiro. Talvez seja essa uma forma de enfrentar a violência da branquitude, ou, como sustenta Paim Filho, o poder tanático da branquitude, o qual, como bem salienta Bento (2009), veio a título de instaurar, junto com a diáspora do Atlântico, a naturalização do privilégio branco, tratado como uma questão de mérito e que serve como justificativa para a pretensa superioridade e domínio do branco.

E a psicanálise deixou de abordar a questão por quê? Por “omissão, indiferença, ou, ainda, *a institucionalização do racismo?*”, diz Paim Filho a título de provocação (2021, p. 12).

Mas, como observa o autor, para enfrentar essas questões, é preciso decolonizar-se, uma vez que: “Racismo e colonização são elementos constitutivos da invenção do subalterno” (Paim Filho, 2021, p. 13).

E termina a apresentação de seu livro, falando de sua principal bandeira, que adota como subtítulo: “por uma psicanálise implicada”.

A propósito de suas inquietações epistemológicas, começa por uma citação de Isildinha Nogueira, em seu artigo “Cor e inconsciente” (2017), deixando claro que o negro pode ter consciência das implicações do racismo, *o que não impede que ele seja afetado pelas marcas do racismo em sua psique*. Para em seguida elencar as dimensões tanáticas do racismo desde suas origens, concebendo-o em sua relação intrínseca com a crueldade, que,

por sua vez, faria parte do mundo conceitual branco. Para explicitar como essas duas dimensões do humano se imiscuem no racismo, refere-se às vicissitudes do “traumático da escravidão do povo negro” no Brasil, que teve a presença “tanática do europeu português”, resultando na “desvalia do negro”, e inscrevendo o traumático em nossas origens.⁵

E onde estaria a crueldade? Na história do derramamento de sangue, cujos detalhes de arbitrariedade e de sadismo estamos conhecendo cada vez melhor, e, como bem salienta o autor, também no assassinato da língua-mãe dos filhos da África.

Propõe um quarto elemento da trama edípica do sujeito negro: o racismo. Refere-se à origem africana denegada de Édipo, Jocasta e Laio, que carregam consigo não apenas o desejo incestuoso, parricida e suas origens filicidas, como também a força tanática da destrutividade que transcende a relação entre pais e filho, e que se propaga de geração em geração – o componente social cruento (Paim Filho, 2021, p. 25).

Daí que, como bem salientara Freud em “A psicologia das massas e análise do ego” (1921/1991), *a psicologia individual é social desde o início*. E, completando, com a fala contundente de Paim Filho: “Ser branco é ter poder, ter acesso pleno ao conhecimento, é ter privilégios, e ser negro é ser castrado em atos ininterruptos” (2021, p. 25).

Acredito que foi dessa consciência, de meu privilégio como pessoa branca, psicanalista e professora universitária, que me fiz acompanhar, há mais de 15 anos, do desejo de me debruçar sobre o tema do racismo e empreendi esforços teóricos e de pesquisa em torno de nossas raízes afrobrasileiras. Ao mesmo tempo, sinto-me implicada com o compromisso de reparação de um passado colonial que nos assombra e, parafraseando Freud, que está presente nas “profundezas da alma” brasileira. Daí ter iniciado um grupo de estudos de psicanálise e racismo, com as colegas Marcella Monteiro e Maria José Tavares Barbosa Irmã, e ter aceitado o desafio de escrever este artigo, que espero possa suscitar um debate profícuo na Sociedade, dando continuidade ao belo trabalho iniciado pelo Projeto Virgínia Bicudo na SBPSP.

5 Refere-se ao tratamento desumano dado aos escravizados, tratados como mercadoria, e a como a escravidão sustentou o Império português, e depois a Monarquia brasileira... Lembrando também que, mesmo após a Abolição da escravidão, muitos deles permaneceram sob o jugo de seus senhores por não terem tido direito a nada, nenhuma reparação, nenhuma indenização (cf. denúncia Alencastro, 2000).

O descentramento do sujeito eurocentrado

Dar um giro decolonial (Maldonado-Torres, 2008)⁶ impõe o que Wa Thiong'o (2005) chamou de “afirmação corpo-geopolítica para a produção do conhecimento” e a própria “existência” desses povos, que foram relegados à “zona do não ser”, como sustentara Frantz Fanon (2008). Uma dupla afirmação epistêmica e existencial que é considerada como um “ato de qualificação epistêmica” (Maldonado-Torres, 2007). Ao mesmo tempo, que permite a “visibilização do *locus* de enunciação do sujeito” (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, 2019).

Pensando em uma primeira articulação com a temática do primado do outro (o sexual e o demoníaco) e uma leitura decolonial, de acordo com a interpretação apresentada acima dos fundamentos do Eu, segundo Laplanche, e do racismo, segundo Paim Filho, pergunto-me: como se daria a interatividade entre o “*ethos* político da discussão da temática racial”, como sustentara Nilma Lino Gomes, e “o *ethos* acadêmico-científico adquirido no mundo da ciência moderna”? (2010, p. 500). E, no caso, entre o *ethos* político da discussão racial nas instituições de psicanálise e o *ethos* científico adquirido pela psicanálise ocidental, em cuja produção teórica e clínica há uma verdadeira invisibilização do *locus* de enunciação do sujeito negro e do próprio analista negro?

Uma das maiores contribuições da releitura de Freud proposta por Laplanche parece-me ter sido apontar a presença na teorização freudiana da “oscilação entre uma posição ptolomaica, dando ênfase ao autocentramento e ao autoengendramento, e uma posição copernicana, heterocentrada – oscilação presente desde as primeiras descobertas sobre o inconsciente, assim como desde a postulação da sedução” (Amaral, 2013, p. 30). Demonstra, em particular, quão profícua seria esta última, uma vez que aponta para a alteridade, o não idêntico, como constitutiva do psíquico.

Mas as questões postas por Paim Filho a propósito da violência demoníaca da dimensão do estranho, do *unheimlich*, do Inquietante, teorizado inicialmente por Freud (1925), que nos habita e que ganha novas dimensões em uma sociedade racializada como a nossa, acrescenta algo fundamental a

6 O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), do qual fazem parte Maldonado-Torres, Grosfoguel e outros autores, desencadeou “um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI” e a consequente “radicalização do argumento pós-colonial no continente através da noção de ‘giro decolonial’” (Ballestrin, 2013, p. 89).

ser pensado analiticamente – o racismo cruel e desumano que não foi banido de nossa história.

Ao ler Segato, em seu artigo “O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça” (2006), novas questões nos são propostas: como fica a constituição do psiquismo dos filhos da elite brasileira, em grande parte criados por babás, cuja função é concebida de maneira naturalizada como sendo o sucedâneo das funções exercidas pelas antigas amas de leite, que, em seus primórdios, eram constituídas por mulheres escravizadas destituídas do direito de amamentar e cuidar de seus próprios filhos?

Acredito que a leitura feita por Segato (2006), mesmo que vista de outro ângulo, sob o viés antropológico, possa lançar luz sobre a configuração edipiana atravessada por um quarto elemento, o racismo, como fora apontado por Paim Filho (2021).

Analisemos a proposta da autora, com base na qual proporemos novas questões.

O Édipo brasileiro, a maternidade transferida e a crueldade do racismo à brasileira

Segato, em seu artigo “O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça” (2006), retoma alguns estudos relativos à “longa duração histórica” das práticas da família brasileira, presentes desde os primórdios coloniais, em que se presencia entre as classes abastadas, e depois, no século XIX, também entre as classes médias, o exercício de uma dupla maternidade, ou de “uma maternidade transferida”, segundo Gomes Costa (2002): a mãe biológica e jurídica e a que de fato toma conta das crianças, a babá, o sucedâneo da ama de leite. Mães substitutas que ora eram valorizadas, ora demonizadas, sobretudo com o avanço do espírito higienista que tomou conta do processo de urbanização no início do século 20. Uma prática, aliás, ainda presente nas classes abastadas em pleno século 21. Apoiando-se no censo brasileiro de 2000, a autora encontra evidências de que a antiga “instituição da mãe preta”, já na sua função de “mãe-seca e polivalente”, criadeira dos filhos da classe média, persiste na atualidade, quando não como babá (mão de obra que encareceu), ao menos na figura de meninas mal remuneradas ou até mesmo sem remuneração alguma.

Uma questão importante apontada pela autora é que há muito pouca literatura sobre o impacto dessas “relações de cuidado transferido” no

psiquismo, seja de quem é cuidado, seja de quem cuida. Menciona um artigo de Judith Butler (1997), em que a autora chega a empregar o termo “foraclusão” para designar o que ela chama de “foraclusão idiossincrática do nome da mãe”, mas que Segatto arrisca interpretar como associada à foraclusão do nome do pai, e resultado de uma falência em “nomear e gramaticalizar o nome da mãe”. A autora salienta que o curioso é que, embora ausente na literatura acadêmica ou mesmo psicanalítica, diríamos nós, as duas figuras maternas aparecem na mitologia afrobrasileira: Iemanjá, considerada como a mãe legítima dos orixás, é descrita como fria, hierárquica, distante e indiferente, enquanto Oxum, a mãe de criação, aparece como mais carinhosa.

Não se pode deixar de assinalar como é frequente na clínica o surgimento de lembranças carinhosas dos cuidados providos por babás e da falta que faz um contato mais íntimo com a mãe biológica, as lágrimas diante das promessas de presença não cumpridas, falta que torna difícil repercorrer o rastros... não deixados e/ou mal traçados... ou quase apagados pela presença/ausência dos objetos primários de amor.

Mas, do ponto de vista daquela destinada a cuidar dos filhos dos outros, resta o mito, que se desdobra ainda na figura de Xangô, instituído como rei por Iemanjá, que permitiu a este usurpar a coroa de Ogum, mesmo depois de se dar conta do engano/traição daquele em relação ao irmão. Uma configuração mitológica que representa, segundo Segato (2006), a “fundação do reino do favoritismo e da injustiça”. Constituem-se, assim, três temas nucleares da tradição religiosa afrobrasileira, carregados de ambivalência: a separação entre os vínculos de parentesco e os laços biológicos; o papel do mar na separação da África originária; e a indiferença e traição do Estado (Segato, 2006; 1995/2005a; 1995/2005b).

É interessante como a autora finaliza o artigo recorrendo ao impacto que sentiu quando se deparou com um quadro sem título, exposto no Museu Imperial em Petrópolis, que consta como anônimo, de um bebê branco que se agarra, com suas mãos firmes, ao seio de sua ama negra. Descobre anos mais tarde, em uma biblioteca da Flórida, que se tratava de Dom Pedro II com sua ama e fora pintado por Debret, informação confirmada por Lilia Schwarcz, em seu livro *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (1998), cuja referência, porém, encontrava-se ausente no museu brasileiro.

Após o relato desse episódio, a autora se põe a interpretar o simbolismo desse quadro, apresentando uma delicada leitura dos liames que nos

separam e nos unem à nossa ancestralidade africana: um bebê, como alegoria do Brasil, que, embora negra, apegar-se à Mãe Pátria jamais reconhecida, a África. Leitura que se desdobra em uma espécie de “espelhamento transcendental” representando os bebês legítimos que foram obrigados a separar-se do calor de seus colos maternos. Um processo em que se sacrificaram a mãe e a “obscuridão de sua pele” – da África originária.

E a ama de leite, ou a ama-seca, a babá, por mais que se ligue afetivamente às crianças por ela cuidada, permanecerá com a marca “fendida pela lembrança de um passado” que não lhe deu escolha, porque fora coagida pela sobrevivência, como bem assinala Segato. A autora nos faz concluir que se verifica um “comprometimento da maternidade pela racialidade” e da “racialidade pela maternidade” (Segato, 2006). Daí o racismo, muitas vezes, encontrar-se entrelaçado com a misoginia.

Estendemo-nos longamente sobre essas interpretações de cunho antropológico de Segato para que pudéssemos ampliar nosso campo de visão enquanto analistas sobre a extensão dos problemas de cunho étnico-racial, prenhe de cosmovisões muito distintas do pensamento ocidental, que atravessem as subjetividades de brancos e negros em nosso país. E, mais do que isso, que se encontram entranhados em nossa história enquanto sujeitos do inconsciente, nos fundamentos de nosso Eu narcísico, em nossa configuração edipiana, tornando bastante complexa nossa relação com o passado e reminiscências, sobretudo se pensarmos que todas essas questões, embora vivenciadas há 500 anos, somente muito recentemente é que começam a ser enfrentadas.

E a branquitude, como fica?

Seria importante frisar que a branquitude no Brasil, ou seja, o privilégio estrutural conferido ao branco – enquanto lugar privilegiado de poder e de vantagens simbólicas e econômicas –, não é da mesma natureza da que é verificada nos EUA. Há estudos, como o de Janaína Bastos (2021), que conferem novos ângulos aos estudos pioneiros de Bento (2009; 2022) e de Schucman (2020), apontando uma particularidade da branquitude brasileira, por ela denominada de branquitude mestiça, que adquire contornos específicos, conforme o tom da pele (mais ou menos branco, mais ou menos preto), a região do país, a posição social ou o grau de escolaridade. Isto porque a ideologia do embranquecimento impôs um ideal, que faz com que os mestiços que trazem consigo traços europeus, ou mesmo “traços negros

disfarçáveis”, possam usufruir de mais privilégios do que o negro retinto, o que os induz a aderir aos discursos da branquitude, impondo dificuldades ao enfrentamento do racismo no Brasil. Já nos EUA, o racismo e a branquitude, pautados pela supremacia branca, foram estabelecidos segundo a origem dos sujeitos, e não por características fenotípicas. Desse modo, passou-se a diferenciar o racismo de marca, tal como se verifica no Brasil, do racismo de origem, norte-americano (Nogueira, 1985, 2007).

Desse modo, no que diz respeito ao processo de conscientização do racismo e dos privilégios da branquitude, mestiça, no caso de países como o nosso, seria fundamental que fossem pensados segundo seus mais variados matizes. Considero, ainda, que seria importante retomar os cinco mecanismos de defesa mencionados pela psicanalista e escritora Grada Kilomba em seu livro *Memórias de plantação* (2019), para se referir aos momentos que os indivíduos, atravessados em sua subjetividade pela branquitude, deveriam percorrer, em princípio, para finalmente reconhecer o caráter racista da sociedade em que vivem. Salienta que o valor simbólico da barbárie cometida contra as populações negras presente no ato de se tapar a boca pela máscara de folha de flandres⁷ se deve ao fato de esta tornar o sujeito negro não apenas o outro, mas também lhe conferir a dimensão de outridade – ou seja, a personificação dos aspectos negados e reprimidos do sujeito branco. Daí a importância de se conhecerem os mecanismos psicológicos de defesa acionados pela branquitude impeditivos de reconhecer-se o racismo da sociedade e de si próprio, o que tem sido observado com frequência entre colegas psicanalistas, mas também entre professores (os dois segmentos com os quais convivo), como justificativa da não necessidade de discussão acerca do racismo na formação, considerando-a até mesmo dispensável.

Esses mecanismos foram discutidos, com base na própria experiência de alguns pesquisadores brancos, em seu processo de reconhecimento de suas origens e de sua formação atravessada pela branquitude, que passava pela *negação, cisão e projeção, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação*. Quando discutimos este artigo em nosso grupo de estudos, ponderamos, no

7 A crueldade desta prática foi tratada com precisão por Machado de Assis, em seu conto “Pai contra mãe”, em que ele diz o seguinte: “A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel!” (Machado de Assis, 1906/2007, p. 1).

entanto, que os mecanismos da negação e da cisão/projeção estavam relacionados mais com personalidades autoritárias e etnocêntricas, e os demais mecanismos já apontavam uma transição para o reconhecimento e possível superação do racismo. É preciso, entretanto, verificar como esse processo de se dar conta de seus privilégios ocorre no Brasil.

Seria importante, do ponto de vista da psicanálise, ainda discutir os meandros de tais mecanismos psicológicos, salientando como, muitas vezes, os mecanismos mais arcaicos podem ser acionados por líderes e ideais autoritários, produzindo-se na massa uma espécie de regressão, capaz de suscitar nela ideais fascistas. Algo que foi extensamente estudado por Freud, em “Psicologia das massas e análise do ego” (1921/1991), e posteriormente por Adorno, em seu artigo “O padrão da propaganda fascista” (1951/1992). E, no que se refere ao Brasil, é preciso reconhecer que o mito da democracia racial colabora para uma verdadeira racionalização com o fim de evitar-se o debate das questões raciais.

De outro lado, muitas vezes deparamos com o sofrimento que acarreta o processo de conscientização da negritude por parte do sujeito negro, algo que ficou evidenciado em uma de nossas pesquisas no espaço escolar, sobretudo, entre os jovens negros, quando da discussão sobre o racismo.

Considerações finais

Boaventura Santos (2010; Santos & Menezes, 2007) propõe a reinvenção da emancipação social com base em uma ecologia de saberes e de conceitos não hegemônicos, definidos como epistemologias do sul, contrapondo-as às monoculturas do saber eurocentrado, vistas como parciais e incapazes de abranger a diversidade e multiplicidade dos modos de ser e de viver da população mundial, mas em particular do assim chamado Sul Global, onde as contradições tendem a se acirrar. É nesse contexto que surge a necessidade de criarem-se novas *epistemes*, que deem conta dessa complexidade e apontem para a superação das condições sociais e econômicas que oprimem grande parte da população abaixo do equador, particularmente daquela oriunda da diáspora do Atlântico.

A proposta de avançar em direção a um giro decolonial (Maldonado-Torres, 2008) impõe, como foi visto, o que Wa Thiong’o (2005) chamou de “afirmação corpo-geopolítica para a produção do conhecimento” e da

própria “existência” desses povos, que foram relegados à “zona do não ser”, como sustentara Frantz Fanon (2008).

E como essas questões se formulam no campo psicanalítico, se pensarmos na formação econômica, cultural e psíquica dos brasileiros? E, diante da colonialidade do ser, do poder e do saber, como podemos avançar no debate do racismo, no que diz respeito à formação do analista brasileiro?

Do ponto de vista da metapsicologia psicanalítica, impõe-se, a meu ver, pensar no primado do outro, nas dimensões sexual e demoníaca, como constitutivas do sujeito. Dimensões que em países como o nosso espelham o fato de terem sido objeto de invasão e colonização europeia (sobretudo portuguesa), acompanhadas de uma violenta opressão e escravização dos povos originários e de povos provenientes da África, que foram arrancados de suas terras e separados de sua ancestralidade de maneira atroz. Urge, portanto, pensar em como essa violência e barbárie atravessam a subjetividade do brasileiro, seja o sujeito branco, seja o sujeito negro – em quem se depositou a dimensão demoníaca da pulsão não admitida no mundo branco.

Algumas pesquisas e explorações metapsicológicas nos fizeram pensar sobre como o racismo inscreveu-se precocemente em nosso psiquismo, gerando uma cisão, desde os primórdios da constituição do sujeito psíquico, do narcisismo e do próprio eu, dada a prática de “maternidade transferida” da mãe biológica à mãe que cuida (passando da mãe preta, da ama de leite até a ama-seca, as babás). Uma cisão que pode aprofundar-se no momento de inscrição edipiana, como bem salientou Segato, que traz novos sentidos à dimensão tanática do racismo no Édipo do sujeito negro, em particular, como sustentara Paim Filho. Mas que também atinge o sujeito branco, das classes médias e altas, que invariavelmente passou pela maternidade transferida e se viu atravessado pela cisão entre a mãe biológica e a mãe que cuida. E assim se instauram, como sustenta Segato, uma “maternidade marcada pela racialidade” e uma “racialidade marcada pela maternidade”. Uma racialidade que se traduz, a meu ver, por um sentimento de forte ambivalência dos brasileiros em relação a nossa ancestralidade afrodiáspórica, quando não de sua mais completa negação.

Quanto à necessária formação antirracista do analista brasileiro, trata-se de um compromisso e uma forma de reparação aos povos originários e africanos que constituíram as bases de uma nação, hoje dividida entre os caminhos civilizatórios e a barbárie. E, desse modo, criar as condições para a formulação de um pensamento crítico e implicado em psicanálise.

E, assim, contribuir para a construção de novos marcos civilizatórios, que sejam orientados, como aponta o filósofo Mbembe (2014), pelo devir negro e por um novo sentido de humanidade, pela solidariedade e pela abertura ao outro não idêntico, à alteridade, o que exige, por sua vez, uma formação emancipatória, antirracista e libertária.

Por una epistemología sudamericana y afrocéntrica del psicoanálisis brasileño

Resumen: En este artículo propongo retomar la idea de la primacía del otro, sustentada por Laplanche, a lo largo de su obra, enfatizando la dimensión sexual y traumática fundante y constitutiva del sujeto, tensionándolo a partir de la dimensión demoníaca. del “extranjero” que nos habita”, señalado por Paim Filho (2021). Esto, asociado invariablemente en Occidente al sujeto negro, que justifica la “cruel agresividad” vuelta contra él, es convertido en un elemento histórico traumático del pueblo negro. El autor, al agregar un cuarto elemento, en su dimensión tanáctica, a la trama edípica del sujeto negro – el racismo –, abre un camino para repensar el propio Edipo brasileño, como sostiene Segato (2006), frente a la práctica de la “maternidad transferida” desde la época colonial. Concluyo abriendo espacio para una reflexión metapsicológica en el campo psicoanalítico que pueda transitar hacia un psicoanálisis centrado en una epistemología sudamericana y afrobrasileña.

Palabras clave: la primacía del otro, lo traumático sexual, lo demoníaco y el sujeto negro, el racismo y lo demoníaco, el Edipo brasileño y la maternidad transferida

For a South American and Afro-centered epistemology of Brazilian psychoanalysis

Abstract: In this article, I propose to return to the idea of the primacy of the other, supported by Laplanche, throughout his work, emphasizing the founding and constitutive sexual and traumatic dimension of the subject, tensioning it based on the demonic dimension of the “foreigner”. that inhabits us”, pointed out by Paim Filho (2021). This, invariably associated in the West with the black subject, which justifies the “cruel aggressiveness” turned against him, is converted into a traumatic historical element of the black people. The author, by adding a fourth element, in its thanactic dimension, to the Oedipal plot of the black subject – racism –, opens a way to rethink Brazilian Oedipus itself, as Segato (2006) maintains, given the practice of “transferred motherhood” since colonial times. I conclude by opening space

for a metapsychological reflection in the psychoanalytic field that can move towards a psychoanalysis focused on a South American and Afro-Brazilian epistemology.

Keywords: the primacy of the other, the traumatic sexual, the demonic and the black subject, racism and the demonic, the Brazilian Oedipus and transferred motherhood

Pour une épistémologie sud-américaine et afrocentrée de la psychanalyse brésilienne

Résumé : Dans cet article, je propose de revenir sur l'idée de la primauté de l'autre, portée par Laplanche, tout au long de son œuvre, en insistant sur la dimension sexuelle et traumatique fondatrice et constitutive du sujet, en la tendant à partir de la dimension démoniaque de « l'étranger qui nous habite », pointé par Paim Filho (2021). Ceci, invariablement associé en Occident au sujet noir, qui justifie la « cruelle agressivité » tournée contre lui, est convertie en un élément historique traumatisant du peuple noir. L'auteur, en ajoutant un quatrième élément, dans sa dimension thanactique, à l'intrigue œdipienne du sujet noir – le racisme –, ouvre une voie pour repenser l'Œdipe brésilien lui-même, comme le soutient Segato (2006), compte tenu de la pratique de la « maternité transférée » depuis l'époque coloniale. Je conclus en ouvrant un espace pour une réflexion métapsychologique dans le champ psychanalytique qui peut tendre vers une psychanalyse centrée sur une épistémologie sud-américaine et afro-brésilienne.

Mots clés : le primat de l'autre, le sexuel traumatique, le démoniaque et le sujet noir, le racisme et le démoniaque, l'Œdipe brésilien et la maternité transférée

Referências

- Adorno, T. W. (1992). Freudian theory and the pattern of fascist propaganda. In J. M. Bernstein (Ed.), *The culture industry*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1951)
- Alencastro, L. F. de (2000). *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. Companhia das Letras.
- Amaral, M. (1995). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições? *Revista Psicologia USP*, 6(2), 63-84.
- Amaral, M. (2013). O primado do outro no campo da psicanálise: um diálogo com Laplanche. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(3), 27-40. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000300003>

- Amaral, M. & Siqueira Jr., K. G. (2020). Por uma epistemologia sul-americana com base nas culturas afrobrasileiras: um debate sobre o ensino culturalmente relevante nas escolas públicas de Ensino Fundamental. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, 16(3), 73-102.
- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 11, 89-117.
- Bastos, J. R. B. (2021). *Na trama da branquitude mestiça: a formação de professores à luz do letramento racial e os meandros da branquitude brasileira* [Tese de doutorado]. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Bento, M. A. S. (2009). Branqueamento e branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Orgs.), *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Vozes.
- Bento, M. A. S. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N. & Grosfoguel, R. (2019). Introdução. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado-Torres, & R. Grosfoguel (Orgs.), *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Autêntica, pp. 9-26.
- Butler, J. (1997). *The psychique life of power*. Stanford University Press.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Edufba.
- Freud, S. (1921). La negation. In J. Laplanche (Dir. Cient.), *Œuvres complètes* (Vol. xvii). Dir. Cient. Jean Laplanche. puf, 1991, pp. 165-171.
- Freud, S. (1962). *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1991). Psychologie des masses et analyse du moi. In J. Laplanche (Dir. Cient.), *Œuvres complètes* (Vol. xvi, pp. 1-83). puf. (Trabalho original publicado em 1921)
- Gomes, N. L. (2010). Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In B. de S. e Santos & M. P. Menezes (Orgs.), *Epistemologias do sul*. Cortez, pp. 492-516.
- Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, pp. 223-244.
- Herrmann, F. (1991). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. Brasiliense.
- Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. Casa do Psicólogo.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias de plantação – episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Laplanche, J. (1980a). *Problematisques I: l'angoisse*. puf.
- Laplanche, J. (1980b). *Problematisques II: castration, symbolisation*. PUF.
- Laplanche, J. (1980c). *Problematisques III: la sublimation*. PUF
- Laplanche, J. (1981). *Problematisques IV: l'inconscient et le ça*. PUF.
- Laplanche, J. (1987). *Problematisques V: le baquet, transcendance du transfert*. PUF.
- Laplanche, J. (1992a). *La révolution copernicienne inachevée*. Aubier.
- Laplanche, J. (1992b). Le fourvoiement biologisant de la sexualité (I). *Psychanalyse à l'université*, 17(68), 3-41.

- Laplanche, J. (1993). Le fourvoiement biologisant de la sexualité (II). *Psychanalyse à l'université*, 18(69), 3-36.
- Laplanche, J. (1997). *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Champs Flammarion. (Trabalho original publicado em 1992a)
- Laplanche, J. & Leclair, S. (1966). L'inconscient, une étude psychanalytique. In H. Ey (Ed.), *L'inconscient* (pp. 95-130). Desclée de Brouwer.
- Machado de Assis, J. M. (2007). Pai contra mãe. In J. M. Machado de Assis, *Coleção só um conto*. Artes e Ofícios. (Trabalho original publicado em 1906)
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In S. Castro-Gómez & R. Grosfoguel (Eds.), *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, pp. 127-167. Siglo del Hombre/Universidad Central/Pontificia Universidad Javeriana.
- Maldonado-Torres, N. (2008). Descolonización y el giro des-colonial. *Tabula Rasa*, 9, 61-72.
- Mbembe, A. (2014). *A crítica da razão negra*. Antígona.
- Munanga, K. (2009). Prefácio. In I. Carone, & M. A. S. Bento, *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Vozes.
- Nogueira, I. B. (2017). Cor e inconsciente. In N. M. Kon, C. Abud & M. L. da Silva (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Perspectiva.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Nogueira, O. (1985). *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. T. A. Queiroz.
- Nogueira, O. (2007). Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, 19(1). <<https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/abstract/?lang=pt>>
- Paim Filho, I. A. (2021). Racismo: por uma psicanálise implicada. In L. Krüger (Dir.), *Série Escrita Psicanalítica*. Artes & Ecos.
- Santos, N. S. (1982). *Tornar-se negro*. Graal.
- Santos, B. S. (2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Boitempo.
- Santos, B. S. & Menezes, M. P. (Orgs.) (2010). *Epistemologias do sul*. Cortez.
- Segato, R. L. (2005a). Yemanjá e seus filhos. Fragmentos de um discurso político para compreender o Brasil. In R. L. Segato, *Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Editora da UnB. (Trabalho original publicado em 1995)
- Segato, R. L. (2005b). Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô de Recife. In R. L. Segato, *Santos e daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Editora da UnB. (Trabalho original publicado em 1995)

- Segato, R. L. (2006). Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça. Série Antropologia. Universidade de Brasília. <<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto57/FO-CX-57-3683-2007.PDF>>
- Schwarz, L. (1998). *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. Companhia das Letras.
- Schucman, L. V. (2020). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo – branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo* (2ª ed.). Veneta.
- Wa Thiong'o, N. (2005). *Decolonising the mind: the politics of language in the African literature*. James Currey/Heinemann Kenya/Heinemann/Zimbabwe Publishing House.

Mônica do Amaral
monicagta@hotmail.com

Recebido em: 4/2/2023

Aceito em: 6/2/2023